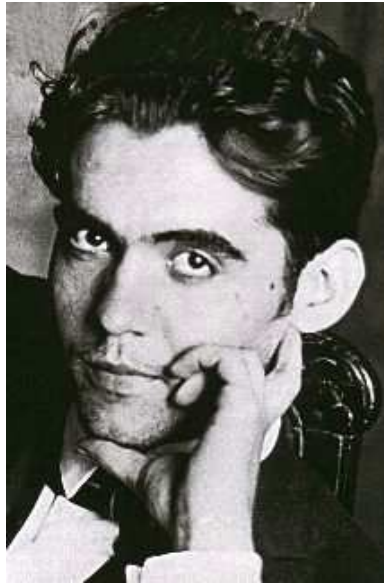


Poemas de Federico García Lorca

(em português)



Índice

A casada infiel

As seis cordas

Às Vezes

De outra maneira

O poeta pede a seu amor que lhe escreva

Paisagem da multidão que urina

Paisagem com duas tumbas e um cão assírio

Pranto por Ignacio Sanches Mejías

Romance sonâmbulo

Se as minhas mãos pudessem desfolhar

Soneto da carta

Tenho Medo de Perder a Maravilha

A casada infiel

*(A Lydia Cabrera
e à sua negrinha)*

**E eu que fui levá-la ao rio
Certo de que era donzela,
Mas bem que tinha marido.
Foi a noite de São Tiago
E quase por compromisso.
As lâmpadas se apagaram
E se acenderam os grilos.
Já nas últimas esquinas
Toquei seus peitos dormidos,
Que de pronto se me abriram
Como ramos de jacinto.
A goma de sua anágua
Vinha ranger-me no ouvido
Como seda que dez facas
Rasgassem em pedacinhos.
Sem luz de prata nas copas
As árvores têm crescido
E um horizonte de cães
Ladra bem longe do rio**

**Após franqueadas as brenhas,
Franqueados juncos e espinhos,
Por baixo de seus cabelos
Fiz um ninho sobre o limo.
Eu tirei minha gravata.
Ela tirou seu vestido.
Eu, cinturão e revolver.
Ela, seus quatro corpinhos.**

**Nem nardos nem caracóis
Têm cútis com tanto viço,
Nem os cristais sob a lua
Alumbram com igual brilho.
Sua coxas me escapavam
Como peixes surpreendidos,
Metade cheias de lume,
Metade cheias de frio.**

**Galopei naquela noite
Pelo melhor dos caminhos,
Montado em potra nácar
Sem rédeas e sem estribos.
As coisas que ela me disse,
Por ser homem não repito
Faz a luz do entendimento
Que eu seja assim comedido.
Suja de beijos e areia,
Eu levei-a então do rio.
Contra o vento se batiam
As baionetas dos lírios**

**Portei-me como quem sou.
Como gitano legítimo.
Dei-lhe cesta de costura,
Grande, de cetim palhiço,
E não quis enamorar-me,
Pois ela, tendo marido,
Me disse que era donzela
Quando eu a levava ao rio.**

As seis cordas

**A guitarra
faz soluçar os sonhos.
O soluço das almas
perdidas
foge por sua boca
redonda.
E, assim como a tarântula,
tece uma grande estrela
para caçar suspiros
que bóiam no seu negro
abismo de madeira.**

Às Vezes

**Às vezes fazemos coisas
Que não queremos fazer,
Talvez por existir
Um pingo de esperança
Esperança essa que nem sempre
Nos faz bem
Nos leva para o caminho certo
Às vezes amamos intensamente
Às vezes sonhamos os mais belos sonhos
Às vezes até odiamos
com a mesma intensidade que amamos
Mais o certo é que,
Nem sempre
“Às vezes” dura um só momento
Às vezes os “Às vezes” podem
Durar eternamente!!!
Nem sempre.**

Cacida da Mão Impossível

Tradução de Oscar Mendes

**Não quero mais que uma mão,
mão ferida, se possível.
Não quero mais que uma mão,
inda que passe noites mil sem cama.**

**Seria um lírio pálido de cal,
uma pomba atada ao meu coração,
o guarda que na noite do meu trânsito
de todo vetaria o acesso à lua.**

**Não quero mais que essa mão
para os diários óleos e a mortalha de minha**

agonia.

**Não quero mais que essa mão
para de minha morte ter uma asa.**

Tudo mais passa.

**Rubor sem nome mais, astro perpétuo.
O demais é o outro; vento triste
enquanto as folhas fogem debandadas.**

Cacida da Mulher Estendida

Tradução de Oscar Mendes

Despida ver-te é recordar a terra.

A terra lisa, limpa de cavalos.

**A terra sem um junco, forma pura
ao futuro cerrada: argêntea fímbria.**

Despida ver-te é compreender a ânsia

**da chuva que procura débil talhe,
ou a febre do mar de imenso rosto
sem a luz encontrar de sua face.**

O sangue soará pelas alcovas

**e virá com espada fulgurante,
mas tu não saberás onde se oculta
o coração de sapo ou a violeta.**

Teu ventre é uma luta de raízes,

**teus lábios, uma aurora sem contorno,
por sob as rosas tépidas da cama
os mortos gemem esperando vez.**

Confusão

Tradução de Oscar Mendes

**Meu coração
é teu coração?
Quem me reflexa pensamentos?
Quem me presta
esta paixão
sem raízes?
Por que muda meu traje
de cores?
Tudo é encruzilhada!
Por que vês no céu
tanta estrela?
Irmão, és tu
ou sou eu?
E estas mãos tão frias
são daquele?
Vejo-me pelos ocasos,
e um formigueiro de gente
anda por meu coração.**

De outra maneira

Tradução de Antonio Miranda

**A fogueira expõe no campo da tarde
umas lanças de cervo enfurecido.
Todo o vale se estende. Por seus lombos,
caracoleia o vento suave.**

**O ar cristaliza sob a névoa.
- olho de gato triste e amarelo-.
Eu, em meus olhos, passo pelos ramos.
Os amos passeiam pelo rio.**

Chegam minhas coisas essenciais.

**São estribilhos de estribilhos.
Entre os juncos e a baixa tarde,
que estranho que me chame Federico!**

E Eu te Beijava

Tradução de Oscar Mendes

**E eu te beijava
sem me dar conta
de que não te dizia:
Oh lábios de cereja!**

**Que grande romântica
eras!
Bebias vinagre às escondidas
de tua avó.
Toda te enfeitaste como um
arbusto de primavera.
E eu estava enamorado
de outra. Vê que pena?
De outra que escrevia
um nome sobre a areia.**

Este é o Prólogo

Tradução de Oscar Mendes

**Deixaria neste livro
toda minha alma.
Este livro que viu
as paisagens comigo
e viveu horas santas.**

Que compaixão dos livros

**que nos enchem as mãos
de rosas e de estrelas
e lentamente passam!**

**Que tristeza tão funda
é mirar os retábulos
de dores e de penas
que um coração levanta!**

**Ver passar os espectros
de vidas que se apagam,
ver o homem despido
em Pégaso sem asas.**

**Ver a vida e a morte,
a síntese do mundo,
que em espaços profundos
se miram e se abraçam.**

**Um livro de poemas
é o outono morto:
os versos são as folhas
negras em terras brancas,**

**e a voz que os lê
é o sopro do vento
que lhes mete nos peitos
— entranháveis distâncias. —**

**O poeta é uma árvore
com frutos de tristeza
e com folhas murchadas
de chorar o que ama.**

**O poeta é o médium
da Natureza-mãe
que explica sua grandeza
por meio das palavras.**

**O poeta compreende
todo o incompreensível,
e as coisas que se odeiam,
ele, amigas as chama.**

**Sabe ele que as veredas
são todas impossíveis
e por isso de noite
vai por elas com calma.**

**Nos livros seus de versos,
entre rosas de sangue,
vão passando as tristonhas
e eternas caravanas,**

**que fizeram ao poeta
quando chora nas tardes,
rodeado e cingido
por seus próprios fantasmas.**

**Poesia, amargura,
mel celeste que mana
de um favo invisível
que as almas fabricam.**

**Poesia, o impossível
feito possível. Harpa
que tem em vez de cordas
chamas e corações.**

**Poesia é a vida
que cruzamos com ânsia,
esperando o que leva
nossa barca sem rumo.**

**Livros doces de versos
são os astros que passam**

**pelo silêncio mudo
para o reino do Nada,
escrevendo no céu
as estrofes de prata.**

**Oh! que penas tão fundas
e nunca aliviadas,
as vozes dolorosas
que os poetas cantam!**

**Deixaria no livro
neste toda a minha alma...**

Gazel da Lembrança de Amor

Tradução de Oscar Mendes

**Tua lembrança não leves.
Deixa-a sozinha em meu peito,**

**tremor de alva cerejeira
no martírio de janeiro.**

**Dos que morreram separa-me
um muro de sonhos maus.**

**Dou pena de lírio fresco
para um coração de gesso.**

**A noite inteira, no horto,
meus olhos, como dois cães.**

**A noite inteira, correndo
os marmelos de veneno.**

**Algumas vezes o vento
uma tulipa é de medo,**

Gracias por visitar este Libro Electrónico

Puedes leer la versión completa de este libro electrónico en diferentes formatos:

- HTML(Gratis / Disponible a todos los usuarios)
- PDF / TXT(Disponible a miembros V.I.P. Los miembros con una membresía básica pueden acceder hasta 5 libros electrónicos en formato PDF/TXT durante el mes.)
- Epub y Mobipocket (Exclusivos para miembros V.I.P.)

Para descargar este libro completo, tan solo seleccione el formato deseado, abajo:

